

AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS ESCRITO POR SURDOS: UMA INVESTIGAÇÃO DA RELAÇÃO COM A DE AQUISIÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

Acquisition of written Portuguese by deaf: an investigation of the relationship to the acquisition of Brazilian sign language

Marisa Dias Lima¹
Rozana Reigota Naves²

Resumo: Neste artigo, apresentamos os resultados de pesquisa com foco na aquisição da escrita da língua portuguesa como L2 por surdos usuários da língua de sinais brasileira (LSB), matriculados em escolar regular inclusiva e com acompanhamento de aprendizagem em escola especial com proposta de educação bilíngue. O nosso objetivo é investigar se a aquisição precoce ou tardia da língua materna pelos surdos influencia a aquisição da estrutura sintática do português escrito, com enfoque na ordem dos constituintes e na marcação morfológica da concordância verbal. A pesquisa se caracteriza por uma metodologia observacional, descritiva e transversal, por meio da aplicação de questionários e de entrevistas orientadas, assim como da eliciação da produção de textos escritos. Adota como pressupostos as proposições teóricas da Gramática Gerativa, incluindo as teorias de aquisição de L1 e L2. Os dados coletados apontam para a comprovação da hipótese do período crítico para a aquisição de língua e da hipótese do acesso parcial à GU na aquisição de L2, havendo uma maior tendência à manifestação de dados de ordem SVO e de marcação morfológica da concordância verbal em português L2 entre os sujeitos que tiveram aquisição precoce da L1.

Abstract: This article presents the results of a research focusing on the acquisition of written Portuguese as L2 by deaf users of Brazilian sign language, who are students at a special school with bilingual education proposal. Our goal is to investigate whether early or late acquisition of first language by deaf influences the acquisition of the syntactic structure of written Portuguese, focusing on the order of constituents and morphological marking of verb agreement. The research is characterized by an observational and descriptive methodology, and was developed through the use of questionnaires and guided interviews, as well as eliciting the production of written texts. It takes for granted the theoretical propositions of Generative Grammar, including the theories of the acquisition of L1 and L2. The collected data seem to confirm the hypothesis of the critical period for language acquisition and the possibility of partial access to UG in L2 acquisition, since there is a greater tendency for the expression of SVO order and morphological marking of verbal agreement in written Portuguese (L2) by the subjects who had early acquisition of Brazilian sign language (L1).

Palavras-chave: Língua de sinais brasileira, português escrito, aquisição de L1 e de L2, ordem dos constituintes, concordância verbal.

Keywords: Brazilian sign language, written Portuguese, L1 and L2 acquisition, word order, verbal agreement.

¹ Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília. E-mail: marisalibras@yahoo.com.

² Professora adjunto do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília. E-mail: rnaves@unb.br.

1 Introdução

A produção escrita de indivíduos surdos brasileiros tem sido alvo de muitas discussões entre professores de língua portuguesa, pois esses alunos, mesmo depois de um tempo de escolaridade, continuam apresentando textos escritos com estruturas sintáticas desviantes da gramática considerada padrão. Entre esses desvios, destaca-se a questão da ordem dos constituintes da oração (SVO) e a ausência de marcação morfológica de concordância verbal.

Desenvolvemos neste trabalho a hipótese de que a língua de sinais brasileira (LSB), sendo a L1 dos surdos, interfere na aquisição do português escrito, que é a L2 desses sujeitos e o desempenho na L2 pode ser influenciado pela forma e pelo período de aquisição da L1.³ Observamos que ainda existe uma crença de muitas famílias de que o surdo só pode ser integrado à sociedade se for oralizado, havendo, portanto, uma priorização do processo de oralização (que seria a aquisição da modalidade oral da L2 – o português). Essa atitude acaba culminando no fato de que muitos surdos chegam à escola sem nenhum ou com pouco conhecimento da sua língua materna (a LSB), sendo delegada à escola a função de propiciar o ambiente adequado para que o surdo se desenvolva linguisticamente. Entretanto, como se sabe, a função da escola nesses casos é a de possibilitar à criança surda a construção do conhecimento da segunda língua (o português), mediante *input* linguístico adequado para os surdos, que é via modalidade escrita, uma vez que os surdos não possuem acesso rápido às informações orais como os outros indivíduos ouvintes.

Essa percepção quanto ao indivíduo surdo e o seu desenvolvimento linguístico vem sendo mudada progressivamente desde a aprovação da Lei nº 10.436/2002, o que se comprova pelos números crescentes de estudantes surdos matriculados no ensino fundamental. O ambiente escolar também vem se adaptando desde a publicação do Decreto nº 5.626/2005, que regulamentou a referida lei, resultando em um crescente aumento da contratação de intérpretes de LSB, o que minimizou o problema da evasão escolar por estudantes surdos.

Mas as pesquisas ainda são escassas no que diz respeito a estudos sobre o desempenho escolar de pessoas surdas. Os profissionais e a comunidade surda reconhecem a desvantagem escolar desses indivíduos, sendo comum a presença de surdos nas séries iniciais, com uns oito anos de vida escolar, sem uma produção escrita compatível com seu grau de escolaridade. Pesquisas indicam que um número elevado de sujeitos surdos apresenta competências

³ Este trabalho contém os resultados da pesquisa desenvolvida na dissertação de Mestrado de Marisa Dias Lima, sob a orientação da professora Dra. Rozana Reigota Naves.

acadêmicas muito aquém do desempenho de alunos ouvintes, apesar de suas capacidades cognitivas serem semelhantes. Acreditamos que isso seja consequência da oralização em segunda língua, sem acesso ou com acesso restrito ao *input* em língua materna.

Entretanto, é preciso ressaltar, conforme Karnopp (2005), que, embora seja a LSB que forneça o conhecimento de mundo e atue como a língua de significação do surdo, nem todo surdo fluente em LSB apresenta um bom desempenho na leitura e escrita de uma língua de modalidade oral-auditiva. Segundo a autora, a imersão na leitura e escrita da língua portuguesa pelo surdo está intimamente ligada às experiências de leitura, escrita e tradução vivenciadas tanto na escola como fora dela.

Contudo, nota-se que, nos anos iniciais da escolarização, boa parte das crianças, sejam elas surdas ou ouvintes, são expostas a atividades artificiais de escrita em sala de aula e, no caso dos surdos, a situação é ainda mais complexa, como informa Karnopp (2005, p.2):

A língua escrita é apresentada como algo de domínio oficial, escolar, não há função social (e, muito menos, prazerosa) para essa escrita, apenas uma função escolar. [...] Embora a língua de sinais seja considerada importante, em muitos contextos, ela passa a ser uma ferramenta, cujo objetivo final é a escrita da língua portuguesa. É a língua 'deles', dos surdos, mas não chega a ser a língua da educação do surdo.

Tal fato, provavelmente, perpetua a longa tradição histórica que deu privilégio ao uso das línguas de modalidade oral-auditiva, menosprezando a utilização da LSB pelos surdos.

Ao acreditar na importância da aquisição precoce da língua de sinais pelo surdo como sua primeira língua como forma de melhorar o desempenho na escrita portuguesa como segunda língua, propomos verificar, a partir dos dados coletados na amostra pesquisada, como as diferentes formas e os diferentes períodos de aquisição da língua de sinais se relacionam com o desenvolvimento da aquisição do português escrito.

A compreensão da forma como os sujeitos pesquisados produzem enunciados escritos, e, principalmente, o esclarecimento sobre o que essas produções nos mostram a respeito da aquisição da escrita pelos sujeitos surdos contribuem para a discussão sobre a hipótese do período crítico e sobre a noção de interlíngua.

2 Quadro teórico

Este trabalho se desenvolve segundo os pressupostos teóricos da Gramática Gerativa, incluindo as hipóteses teóricas a respeito dos processos de aquisição de L1 e de L2.

A teoria gerativa, formulada inicialmente em Chomsky (1957) como uma crítica radical à visão comportamentalista da linguagem, sustentada pelos behavioristas, chamou a atenção para o fato de que a *criatividade* é o principal aspecto caracterizador do comportamento linguístico humano, aquilo que mais fundamentalmente distingue a linguagem humana dos sistemas de comunicação animal. Com base nessa concepção, o comportamento linguístico dos indivíduos humanos deve ser compreendido como o resultado de um dispositivo inato conhecido como *Faculdade da Linguagem*, uma capacidade genética e interna ao organismo humano que se destina a constituir a competência linguística de um falante.

Para sustentar sua tese da existência da *Faculdade da Linguagem*, Chomsky vale-se, basicamente, de três sólidos argumentos: a) apenas a espécie humana adquire linguagem; b) a linguagem humana tem por base a propriedade da infinitude discreta; c) há uma “pobreza de estímulos” durante o processo de aquisição.

O estágio inicial da *Faculdade de Linguagem* equivale à chamada *Gramática Universal* (GU), termo que se deve à crença de que a capacidade de aquisição da linguagem verbal é comum à espécie humana e de que a criança pode adquirir qualquer língua humana, desde que seja exposta aos dados dessa língua.

O conhecimento linguístico inconsciente que o falante possui sobre a sua língua é denominado de *competência linguística*, e se distingue do comportamento linguístico de indivíduo, que se reflete nas frases que de fato uma pessoa pronuncia quando usa a língua. Esse uso concreto da língua denomina-se *desempenho linguístico* e envolve diversos tipos de habilidades, como atenção, memória, conhecimento de mundo etc.

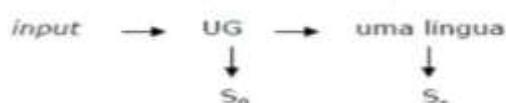
Sabemos que a GU possui um procedimento gerativo finitamente especificado, que enumera um conjunto infinito de descrições estruturais, que especificam a série completa de propriedades fonéticas, semânticas e sintáticas de uma expressão linguística particular.

Desse modo, o modelo Princípios e Parâmetros (P&P), proposto por Chomsky (1991) foi desenvolvido para explicar aspectos universais e específicos das gramáticas, os quais determinam um conjunto de línguas humanas possíveis, ou seja, o modelo é composto por um sistema constituído de Princípios, leis universais e invariáveis, que valem para todas as línguas, e de Parâmetros, conjuntos de propriedades de escolha binária que podem variar de uma língua para outra.

Os parâmetros são propriedades abertas, cujos valores devem ser fixados pela criança através de evidências simples e positivas no processo de aquisição de língua. Eles não só explicam as diferenças entre as gramáticas de diferentes línguas, mas também permitem explicar a variação de forma mais geral, inclusive a variação no desenvolvimento da linguagem.

Mioto *et al.* (2004, p.33) lembram que “o processo de aquisição de língua é tido como a ‘formatação’ da *Faculdade da Linguagem* através da fixação dos valores dos parâmetros previstos na GU”. A GU é entendida como o estágio (So) inicial do conhecimento linguístico, e o estágio final ou estágio de estabilidade do conhecimento de uma determinada língua seria o conhecimento da gramática adulta dessa língua (Ss). Os autores esquematizam o processo de aquisição de língua, como na Figura 1:

Figura 1: Processo de aquisição de língua



(MIOTO, 2004:33)

A formulação de uma teoria da GU tem impactado os estudos da aquisição de língua. O termo *aquisição da linguagem*, conforme denominado por Lyons (1987), normalmente é usado sem ressalvas para o processo que resulta no conhecimento da língua nativa.

A aquisição da língua materna pelos surdos é uma experiência “singular”, pois estamos diante de um fato que nos remete à especificidade de ser criança surda filha de pais surdos e/ou de pais ouvintes. Na primeira situação, trata-se de uma aquisição natural, sem dificuldades. A segunda situação mostra outro viés do processo de aquisição, no qual são identificados entraves decorrentes da falta de audição, o que faz com que o surdo tenha contato tardiamente com a LSB. Nesse contexto, é importante observarmos que, para o gerativismo, a língua materna é tida como a primeira língua. Chomsky (2005) afirma que é por meio desses mecanismos inatos que as crianças aprendem com tanta facilidade outras diferentes línguas.

Com relação às fases do processo de aquisição, Quadros (1997b) afirma serem semelhantes tanto nas línguas de sinais quanto nas línguas orais. A autora, citando Petitto e Marantette (1991), estabelece quatro estágios: estágio pré-linguístico, estágio de um sinal, estágio das primeiras combinações, e estágio das múltiplas combinações.

No período pré-linguístico (do nascimento até um ano de idade), um bebê que nasce surdo balbucia como uma criança normal, mas suas emissões começam a desaparecer à medida que não tem acesso à estimulação auditiva externa, fator de máxima importância para a aquisição da linguagem oral. Tanto o bebê surdo quanto o ouvinte desenvolvem o balbucio oral e manual.

O estágio de um sinal se inicia com um ano a dois anos. Tanto a criança surda quanto a ouvinte deixam de indicar objetos e pessoas pelo uso da apontação. É nesse estágio que se

iniciam as primeiras produções na LSB, assim como ocorre com a criança ouvinte ao pronunciar as primeiras palavras na sua língua oral.

Já no estágio das primeiras combinações, que se inicia por volta dos dois anos de idade, verifica-se o estabelecimento da ordem das palavras que é utilizada nas relações gramaticais. Por exemplo, a criança surda, a partir desse estágio, começa a ordenar palavras para estabelecer relações gramaticais como SV, VO ou SVO.

O estágio das múltiplas combinações tem como característica uma ampliação do vocabulário nas crianças surdas e ouvintes por volta dos dois anos e meio, três anos. Nesse estágio, a criança surda comete os mesmos erros gramaticais na LSB que a criança ouvinte comete na língua oral, como, por exemplo, o caso da flexão verbal.

Apesar da analogia entre a aquisição de língua de sinais e de línguas orais entre crianças surdas e crianças ouvintes, é importante ressaltar que essa equivalência é válida apenas nos casos de crianças surdas filhas de pais surdos, que recebem o *input* linguístico adequado em língua de sinais, o que representa a grande minoria da população surda. Então existe uma problemática com a maioria das crianças surdas, pois são filhas de ouvintes, que geralmente não sabem a língua de sinais ou não a usam com a frequência devida, dificultando a aquisição da primeira língua durante o chamado período crítico.

Muitos pesquisadores têm questionado se a aquisição de segunda língua é um processo semelhante ao de aquisição de língua materna. De acordo com Lillo-Martin (1998), há evidências de que os aprendizes de segunda língua aplicam os princípios da GU na aquisição da L2, incluindo os parâmetros que não foram fixados na aquisição da primeira língua. Outros pesquisadores, entretanto, têm argumentado que os princípios da GU não estão disponíveis aos aprendizes adultos da L2. Segundo essa hipótese, quanto mais tarde se adquire uma segunda língua, especialmente após a adolescência, menos chance há de se marcar os parâmetros da GU que não foram fixados e estavam disponíveis no processo de aquisição da primeira língua.

A aprendizagem de uma segunda língua pelo surdo, sendo essa uma língua oral, só pode acontecer se ele tiver acesso à sua representação escrita. Portanto, é necessário proporcionar ao surdo um contato significativo com a escrita.

3 Síntese comparativa da ordem dos constituintes e concordância verbal no português e em LSB

Costuma-se pensar que as sentenças da LSB são completamente diferentes do ponto de vista estrutural daquelas do português. Realmente há diferenças, porque as sentenças do português se estruturam predominantemente com base na relação sujeito-predicado, enquanto as sentenças da LSB se constroem principalmente por meio da relação tópico-comentário. Isso significa dizer que a ordem sintática produzida pelos surdos geralmente obedece à hierarquia semântico-discursiva, ou seja, os conteúdos de maior significação e importância no discurso são colocados em destaque no início da oração.

Essa diferença tem reflexos no que diz respeito à ordem dos constituintes: embora tanto no português como na LSB a ordem predominante seja SVO, a frequência de construções com topicalização na LSB parece ser bem maior que no português. Dessa forma, as sentenças abaixo podem ser encontradas em ambas as línguas, embora em LSB (2) seja preferida:

(1) A Rita encontrou o José.

sujeito predicado

(2) O José, a Rita encontrou.

tópico comentário

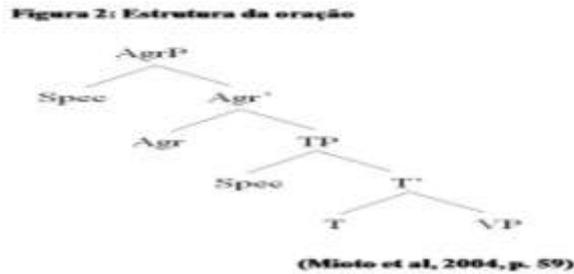
Na sentença (1), além da relação sujeito-predicado, que determina quem faz o que no evento descrito pelo verbo, a ordem é significativa para identificar sujeito e objeto porque tanto *A Rita* quanto *o José* são potenciais sujeitos do verbo *encontrou*, uma vez que ambos têm a mesma pessoa do verbo (ou seja, nesse caso, é a ordem e não a concordância o fator determinante para a identificação das funções sintáticas dos sintagmas nominais). Além do mais, há o aspecto semântico dos constituintes e do verbo que permite que tanto um quanto outro constituinte seja o sujeito de *encontrar*, isto é, aquele que encontra.

Esse não é o mesmo caso da sentença em (3), porque as propriedades semânticas do constituinte *todas as meninas* e *boneca* não dão margem às duas possibilidades acima. Além do mais, a concordância sujeito-predicado nessa sentença fica ressaltada pelo fato de incluir a marca de plural, enquanto o segundo constituinte *boneca* está no singular. Nesse caso, a ordem é menos relevante para determinar a função gramatical e o papel semântico dos dois constituintes.

(3) Todas as meninas adoram boneca.

sujeito predicado

Sabemos que as categorias funcionais são universais, de forma que a estrutura subjacente da oração, na teoria que adotamos neste trabalho, é a mesma em português e em LSB, como mostra a Figura 2:



Apesar disso, verificamos que os parâmetros que se referem à concordância verbal, ou à flexão número-pessoal dos verbos, são distintos entre as duas línguas, haja vista que a concordância dos verbos na língua portuguesa indica o sujeito de uma sentença e, via de regra, os verbos de todas as classes são flexionados (de modo a concordar com o sujeito), enquanto em LSB a concordância se dá de forma marcada com o sujeito e com o objeto, nos casos de verbos com concordância, e ainda, há os verbos sem concordância marcada. Podemos esquematizar essa diferença paramétrica da seguinte forma:

Quadro 4: Parâmetro da Concordância Verbal na Língua Portuguesa e em LSB

Língua Portuguesa	LSB	
Todos os tipos de verbos	Verbos c/ concordância	Verbos s/ concord.
Valor [+] concordância com o sujeito.	Valor [+] concordância com o sujeito.	Valor [-] para verbos sem flexão.
Valor [-] concordância com o objeto.	Valor [+] concordância com o objeto.	
Marca de concordância com todos os tipos de verbos, cujos sufixos flexionais indicam a pessoa e número do discurso.	Marca de concordância com verbos flexionados em número e pessoa, cujo movimento direcional indica as pessoas pronominais.	Sem marca de concordância. Apontação da pessoa pronominal é explícita.

(Pires, 2005, p.22)

O parâmetro da concordância verbal na língua portuguesa (com todos os verbos) é fixado no valor positivo quanto ao sujeito da sentença e negativo quanto ao objeto; por outro lado, em LSB, o parâmetro da concordância verbal é fixado no valor positivo somente com os verbos com concordância, indicando a concordância com o sujeito e com o objeto da sentença.

Além disso, observamos que na língua portuguesa a concordância verbal se dá com todos os tipos de verbos, cujas flexões indicam a pessoa pronominal do sujeito, havendo contextos sintáticos específicos que licenciam o apagamento de sujeito. Em LSB, os verbos sem concordância não licenciam o apagamento dos argumentos do verbo, e os verbos com

concordância, cujas flexões indicam o objeto e/ou o sujeito da sentença licenciam o apagamento tanto do objeto quanto do sujeito da sentença.

Observamos também que, na LSB, a ordem básica SVO está associada predominantemente com os verbos sem concordância, enquanto as construções contendo verbos com concordância apresentam mais liberdade na ordenação e devem ser obrigatoriamente acompanhadas por marcas não-manuais, como reiteram os exemplos das figuras 3, 4 e 5 a seguir.⁴

Figura 3: Construções da sentença SVO



a) Construções SVO

(4) a. JOÃO a ASSISTIR b b TV
b. JOÃO GOSTAR FUTEBOL

Figura 4: Construções da sentença OSV



b) Construções OSV

(5) a. TV b JOÃO a a ASSISTIR b
b. FUTEBOL JOÃO GOSTAR

Figura 5: Construções da sentença SOV



c) Construções SOV

(6) a. JOÃO a TV b a ASSISTIR b
b. JOÃO FUTEBOL GOSTAR

Resumindo, do ponto de vista da relação entre ordem e concordância, vimos que:

(i) em português, há uma tendência de que a concordância seja marcada com sujeitos antepostos e próximos do verbo, ou seja, há uma relação entre a ordem SVO e a concordância marcada;

⁴ As imagens são de nossa autoria, com base em adaptações dos exemplos encontrados em Quadros e Karnopp (2004).

(ii) em LSB, a concordância marcada leva à flexibilização da ordem dos constituintes na sentença, sendo encontradas, para os verbos com concordância, as ordens SVO, OSV e SOV; já os verbos sem concordância levam à rigidez da ordem, que se fixa em SVO.

Essas diferenças estão sintetizadas no quadro abaixo:

Quadro 2: Ordens de constituintes e concordância na LP e em LSB

Lingua Portuguesa	LSB
>SVO → + concordância	>SVO → - concordância
>VS → - concordância	>OSV } + concordância
	SOV } + concordância
	SVO } + concordância

4 Descrição da metodologia de pesquisa e da hipótese de trabalho

Esta pesquisa, aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade de Brasília (cf. Relatório 07/08, de 30 de agosto de 2010), foi realizada em uma escola especial em Patos de Minas/MG, que desenvolve uma proposta pedagógica em educação bilíngue. A pesquisa contou com a participação de um grupo de 20 sujeitos surdos, de ambos os sexos, na faixa etária de 12 a 18 anos, cursando do 6º ano ao 9º ano do ensino fundamental, matriculados em instituições de ensino públicas com classe inclusiva, os quais foram subdivididos em três grupos de sujeitos, a saber: a) filhos de pais surdos – Grupo 1; b) filhos de pais ouvintes usuários de LSB – Grupo 2; e c) filhos de pais ouvintes não-usuários de LSB – Grupo 3.

Foram aplicados três tipos de instrumentos de coleta de dados (a privacidade foi garantida por meio da adoção de nomes fictícios para os participantes: a) questionários de identificação dos sujeitos; b) entrevistas conversacionais desenvolvidas em LSB com alunos, pais e professores; c) eliciação de produção textual pelos alunos surdos, com o objetivo de registrar a escrita portuguesa, para fins de análise linguística (em nível gramatical). Com relação ao procedimento de eliciação, foram adotados dois tipos de atividades: na primeira proposta foi solicitado que cada participante produzisse um texto com tema livre; na segunda proposta foi solicitado que cada participante produzisse por escrito uma história a partir de uma sequência de gravuras em vídeo (com duração máxima de 15 minutos, em que a pesquisadora participou como narradora). Dessa forma, procuramos oferecer aos participantes uma situação favorável à produção de histórias a respeito de uma situação-problema (por exemplo, aquecimento global).

Os instrumentos de coleta de dados pretenderam analisar o desenvolvimento da hipótese de que o processo de aquisição da L2 está relacionado ao processo de aquisição da L1: quanto mais precoce e efetivo for o domínio da L1 pelo sujeito surdo, melhor se mostrará a apropriação

na L2, no caso o português escrito. Nesse sentido, esta pesquisa discute a hipótese da existência do chamado período crítico para a aquisição de língua e a hipótese da interferência da L1 na aquisição da L2, por meio do conceito de interlíngua, ao analisar a produção escrita em língua portuguesa por surdos matriculados no ensino fundamental, tendo em vista os diferentes processos de aquisição da língua materna (LSB) pelos sujeitos pesquisados.

5 Resultados e discussão

Para a descrição e análise da produção escrita dos informantes, adotamos como critério manter a forma de redigir empregada pelos alunos nas transcrições dos textos em português, pois o enfoque desta pesquisa é analisar como os sujeitos surdos produzem as relações entre ordem dos constituintes e concordância verbal na escrita portuguesa (L2).

Nesta abordagem, procuramos observar, principalmente: (i) as situações e as condições linguísticas em que os surdos adquiriram a LSB; (ii) a ocorrência, nas produções, de estruturas que se diferenciam do português e que mais se aproximam da LSB (com destaque para os enunciados sem verbo e para aqueles que se diferenciam quanto à ordem e uso de concordância).

É importante salientar que o nível de proficiência em língua portuguesa que se espera dos surdos não é igual ao esperado de um ouvinte, visto que a aquisição da escrita do português pelos surdos é um processo de aquisição de L2. Apesar disso, os dados foram descritos e analisados, na maioria das vezes, observando-se as normas do sistema escrito do português considerado padrão, visto não haver um “padrão” determinado pelos teóricos para se analisar a escrita da língua portuguesa por surdos.

Apresentamos, nesta parte final do artigo, a etapa de análise dos resultados com a organização dos dados coletados em 40 textos produzidos pelos sujeitos surdos (sendo 2 textos para cada sujeito da pesquisa). Os dados comparativos dos grupos nos permitem estabelecer relações entre o desempenho dos surdos no sistema escrito da língua portuguesa (L2) e a forma de aquisição da LSB (L1).

Para melhor compreensão dos resultados, transcrevemos a seguir exemplos de sentenças escritas pelos participantes da pesquisa no procedimento de eliciação da produção de textos:

(8) Ordem SVO

- | | |
|---|--------------------------------------|
| a. Meus pais são surdos / não tem interprete | <i>(Dalila, Redação 1 – Grupo 1)</i> |
| b. Eu vi televisão / Evita problema de Aquecimento Global | <i>(Felipe, Redação 2 – Grupo 2)</i> |

c. O Cais tem surdos / serve para estudar, aprender português (Nancy, Redação 1 – Grupo 3)

(9) Outras ordens

- a. melhorou desenvolvimento escola bem (Dalila, Redação 1 – Grupo 1)
 b. Morto peixes e animais (Gracyanne, Redação 2 – Grupo 2)
 c. verdade chora ela mais (Juliana, Redação 1 – Grupo 3)

(10) Tópico-Comentário

- a. Minha família muita surdo feliz (Dalila, Redação 1 – Grupo 1)
 b. O tempo problema diferente quente (Emerson, Redação 2- Grupo 2)
 c. CAIS/LP terra suja junto surdo embora para fazenda (Lucas, Redação 1 – Grupo 3)

(11) Concordância marcada

- a. Os surdos apostaram o desafio (André, Redação 1 – Grupo 1)
 b. As pessoas precisam mudar hábito (Débora, Redação 2 – Grupo 2)
 c. Elenir faz comida famosa (Francy, Redação 1 – Grupo 3)

(12) Concordância não-marcada

- a. pessoa comunicar pouco ouvintes. (Dalila, Redação 1 – Grupo 1)
 b. Fazer organizar o lugar (Jackie, Redação 2 – Grupo 2)
 c. Chegar CAIS (Yasmin, Redação 1 – Grupo 3)

(13) Concordância variável

- a. pessoas comuns não preserva a natureza. (Cassandra, Redação 2 – Grupo 1)
 b. Casas caiu tudo (Mona, Redação1 – Grupo 2)
 c. Nós admira as folha (Graciela, Redação 1 – Grupo 3)

(14) Concordância inexistente

- a. Poluição carro e fábrica (Kika, Redação 2 – Grupo 1)
 b. A chuva muito forte (Débora, Redação 2 – Grupo 2)
 c. Campeão no surdo vermelho (Graciela, Redação 1 – Grupo 3)

A tabela 1 apresenta os resultados comparativos, com a porcentagem total por grupos quanto à ordem dos constituintes e ao emprego da concordância verbal no português escrito. Na análise dos resultados, agrupamos a frequência de uso das ordens SVO e VO, pois correspondem à mesma estrutura no português padrão, distinguindo-se apenas quanto à manifestação do sujeito ou não.

Tabela 1: Resultados totais por grupo quanto à ordem dos constituintes e ao emprego da concordância verbal no português escrito

Ordem dos Constituintes	GRUPO 1	GRUPO 2	GRUPO 3	Concordância Verbal	GRUPO 1	GRUPO 2	GRUPO 3
	TOTAL	TOTAL	TOTAL		TOTAL	TOTAL	TOTAL
Ordem SVO	39%	42%	2%	Concordância marcada	68%	43%	20%
Ordem VO (Sujeito nulo)	52%	31%	26%	Concordância não-marcada	14%	26%	38%
Outras ordens	2%	13%	20%	Concordância variável	16%	26%	31%
Tópico-Comentário	7%	14%	26%	Concordância inexistente	2%	5%	11%

Em resumo, verificamos na tabela 1 que a produção escrita em português pela maioria dos sujeitos do Grupo 1 (surdos filhos de pais surdos) aproxima-se muito do português padrão, apresentando preferencialmente a ordem direta das frases (SVO) e o uso adequado da concordância verbal. Quando partimos para o Grupo 2 (surdos filhos de pais ouvintes usuários de LSB), reparamos que se ampliam as diferenças em relação à escrita padrão da língua portuguesa. E foi evidenciado, através dos dados, que o Grupo 3 (surdos filhos de pais ouvintes não-usuários da LSB) é o que mais se distancia das estruturas do português, verificando-se grande ausência de marcação adequada de concordância verbal como também grande presença de construções do tipo tópico-comentário.

Em termos percentuais, vemos que a hipótese de interferência da LSB na escrita portuguesa como L2 ocorre em níveis maiores para a concordância do que para a ordem dos constituintes nos três grupos.

O melhor desempenho do Grupo 1 em relação ao Grupo 2 e do Grupo 2 em relação ao Grupo 3 confirma a hipótese inicial do nosso trabalho, mostrando que a forma de aquisição da L1 (no caso, a LSB) tem influência na aquisição da L2. Os gráfico 1 e 2 a seguir confirmam que quanto mais cedo a criança adquire a sua língua materna melhor se processo a aquisição da segunda língua. Os gráficos mostram os resultados totais dos grupos 2 e 3, separando-se os resultados dos indivíduos que tiveram aquisição precoce dos resultados dos indivíduos que tiveram aquisição tardia da LSB:

Gráfico 1: Resultados totais do uso padrão da ordem dos constituintes no português por indivíduos dos grupos 2 e 3, com aquisição precoce e com aquisição tardia da LSB

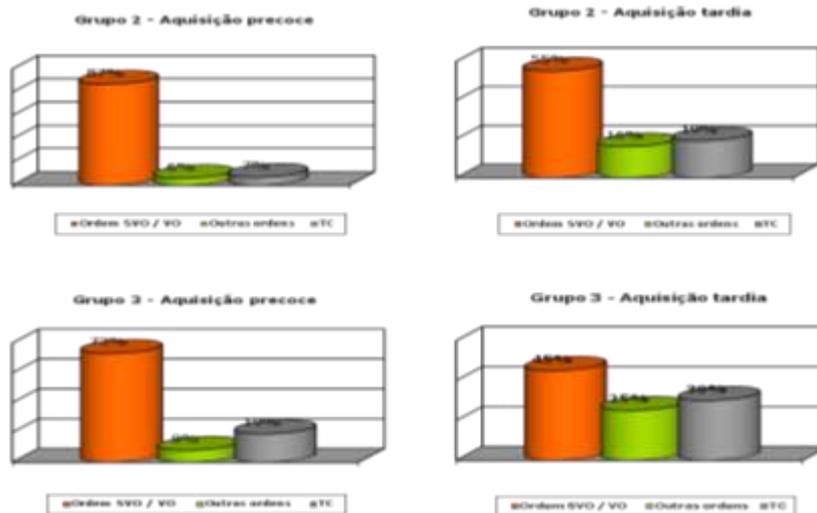
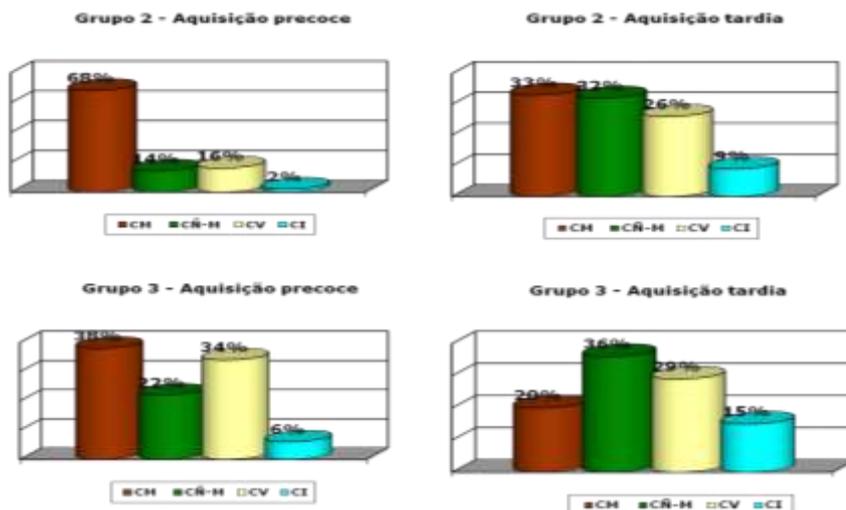


Gráfico 3: Resultados totais do uso padrão da concordância verbal no português por indivíduos dos grupos 2 e 3, com aquisição precoce e com aquisição tardia da LSB



Apesar das diferenças individuais, percebemos que os sujeitos surdos que tiveram a L1 adquirida na primeira infância, no seio da família (Grupo 1 e Grupo 2 com aquisição precoce), apresentam melhores resultados na aquisição da L2 que aqueles que não tiveram acesso à L1 na primeira infância, mas a adquiriram posteriormente, passando a usar a L1 no contexto familiar e social (Grupo 2 com aquisição tardia). Os resultados também aproximam os sujeitos que tiveram

aquisição tardia, mas têm o apoio da família, que também aprendeu a LSB (Grupo 2 com aquisição tardia), dos sujeitos que não contam com o *input* da LSB no convívio familiar, mas foram expostos à L1 precocemente, por meio do convívio com a comunidade surda (Grupo 3 com aquisição precoce). Esses últimos grupos, por sua vez, têm resultados melhores que os dos sujeitos que adquiriram a L1 após a primeira infância e sofrem restrições de uso da L1 nos contextos familiares e sociais (Grupo 3 com aquisição tardia).

Em síntese, após a análise dos resultados, podemos concluir que algumas das principais características da escrita de surdos, na idade e com a escolarização pesquisada, reflete a hipótese de que a estruturação das sentenças nos textos produzidos em L2 está relacionada, por um lado, à sintaxe e à morfologia da LSB, e evidencia marcas dos estágios sucessivos de uma interlíngua – a língua de transição do aprendiz entre a língua materna (a LSB) e a língua-alvo (o português escrito) em determinado ponto da aprendizagem. Por isso, distancia-se gradualmente dos “padrões gramaticais” exigidos de um falante nativo da língua portuguesa, com a mesma faixa etária e a mesma escolarização. É válido ressaltar que, muitas vezes, os erros cometidos pelos alunos surdos (especialmente os do Grupo 1) são, comumente, encontrados nos textos de indivíduos ouvintes que estejam aprendendo a escrita da língua portuguesa.

5 Conclusão

É preciso considerar que as dificuldades que os surdos têm na tradução/interpretação da LSB para a língua portuguesa (em modalidade escrita) variam. É possível perceber que os diversos textos coletados apresentam consideráveis diferenças. Algumas produções estão mais restritas à estrutura da LSB; outras revelam que os sujeitos ainda se encontram em uma fase intermediária da interlíngua; enquanto determinados textos demonstram um emprego mais consistente da língua portuguesa, próximo do nível almejado.

Analisamos os aspectos que mais influenciaram a ocorrência de diferentes níveis, os mais determinantes foram idade, série e, principalmente, o grau de fluência em LSB. Verificamos que, embora as alterações sintáticas estejam presentes em textos de alunos com diferentes idades, na maioria das vezes, os tipos de alterações são distintos, ocorrendo conforme o grau de maturidade do aprendiz em ambas as línguas. E existe uma correspondência entre o grau de fluência em LSB (e sua conseqüente relação com um nível de domínio da língua portuguesa) e a motivação familiar (ou a falta de motivação) para o uso da LSB pelo surdo. Possivelmente, a influência familiar tenha sido um dos principais fatores que possibilitou, inicialmente, o interesse e,

posteriormente, o domínio do informante na LSB, o que facilitou a aprendizagem de uma segunda língua, o português escrito.

De fato, o domínio de uma língua de sinais pelo surdo é indispensável para a aprendizagem escrita de uma língua oral-auditiva. Quanto maior o grau de proficiência em uma língua de sinais, menos dificuldades ele terá para adquirir a linguagem escrita. Comprovando essa idéia, Ferreira-Brito (1995) escreve:

o domínio de uma língua de sinais é um fator importantíssimo para o desenvolvimento de habilidades de uso de mecanismos cognitivos, semânticos e pragmáticos geradores de coesão e coerência. Uma vez de posse desses mecanismos, e já tendo adquirido estratégias interacionais, qualquer pessoa pode produzir escrita coesa e coerente, se ela dominar, além disso, as regras morfossintáticas mais elementares de uma língua a ser escrita.

Scliar-Cabral (*apud* Quadros, 1997b, p. 47) informa, ainda, que:

a aquisição do léxico e a capacidade de planejar o discurso numa segunda língua podem ser facilitadas com a maturidade, através de estratégias metalingüísticas conscientes que concentrem nos procedimentos, depois transferidos para o uso da língua. Para essas habilidades, quanto maior o domínio lingüístico na língua nativa, tanto mais facilitado o caminho para a proficiência nas segundas línguas, nessas habilidades.

Assim, observa-se a importância do fator maturacional na aprendizagem de L2, mas, sobretudo, do domínio de uma L1, fortemente relacionado à motivação familiar que é fundamental no processo de aquisição de uma língua de sinais pelo surdo, o que conseqüentemente facilitará a aprendizagem da escrita de uma língua oral-auditiva.

O processo de aprendizagem da escrita pelos surdos é mediado por uma língua de sinais. Desse modo, muitas dificuldades que os surdos apresentam nas construções escritas advêm do fato de que eles se baseiam na estrutura de uma língua de sinais. Nesse sentido, verificamos que o domínio da LSB é fundamental no processo de aprendizagem da escrita como L2 pelos surdos e que os equívocos presentes na escrita são resultado da interferência da sua primeira língua e da sobreposição das regras da língua que está aprendendo. Verificamos também que a falta de domínio da LSB pelos surdos compromete o processo de aprendizagem da escrita, visto ser tal língua indispensável para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, semânticas e pragmáticas que auxiliarão na aprendizagem de outra(s) língua(s). Observamos que à medida que o contato com a nova língua vai sendo intensificado, novas regras vão sendo aprendidas e os “erros” vão se transformando em “acertos”.

Neste estudo, que teve o propósito de contribuir com as pesquisas sobre aquisição da língua portuguesa escrita como segunda língua pelos surdos sinalizantes da LSB, buscamos

verificar de que forma o período e a forma de aquisição da L1 interferem na aquisição da L2 pelos sujeitos surdos, através das propriedades variáveis entre essas duas línguas, no que se refere à ordem dos constituintes e à concordância verbal.

A análise dos aspectos linguísticos observados nas produções escritas nos permite afirmar que:

- (i) ocorre a transferência dos valores paramétricos da L1 no processo da aquisição do português escrito pelos surdos, o que, como já foi dito, confirma a Hipótese de Acesso Parcial à GU;
- (ii) os diferentes estágios de aquisição da L2 retratam diferentes estágios de interlíngua, que é um processo, sem dúvida, regido pela GU;
- (iii) os participantes apresentam um processo comum na aquisição da L2: ora demonstram transferência dos valores da L1, ora demonstram que já fixaram os parâmetros da L2, oscilando, portanto, entre a L1 e a L2, dependendo do estágio de interlíngua em que se encontram.

Quanto ao processo de aquisição de LSB e a utilização dessa língua pelos pais (ampliando o *input* linguístico da L1) podemos dizer que:

- (i) o período de aquisição da LSB (em situação de língua materna, no caso de filhos de pais surdos, ou em situação precoce, ainda na primeira infância, ou em situação tardia, a partir dos 9 anos de idade) tem relação direta com o desempenho dos surdos na aquisição da L2, confirmando assim a Hipótese de Período Crítico;
- (ii) a aquisição da LSB não acontece de forma natural para os surdos filhos de pais ouvintes, devido à ausência de um *input* adequado para os surdos, visto que seus pais não dominam a língua (uma vez que a LSB é segunda língua para eles), o que acaba interferindo no desenvolvimento da escrita portuguesa.

Portanto, esclarecer as dificuldades do aprendiz surdo ao lidar com a gramática do português é essencial como forma de a escola mudar sua postura em relação a esses problemas, uma vez que devem ser considerados como sintomas de um sistema subjacente e não necessariamente ‘erros’. Diante dessas constatações, nota-se que a escola tem importante função, seja no rompimento de estigmas e preconceitos existentes em relação à surdez e ao uso da LBS, seja no desenvolvimento de competências e habilidades para a apreensão de uma segunda língua por surdos, através de atividades significativas com a leitura e a escrita, que levem em consideração a situação de bilinguismo dos surdos e que o acesso à segunda língua seja intermediado pela primeira e que diferentes estágios de interlíngua sejam observados. Também é necessário que os pais de crianças surdas sejam conscientizados da importância que têm no aprendizado linguístico dos filhos e atuem junto com a escola na luta pela verdadeira inclusão linguística do surdo.

Os dados analisados e descritos nos permitiram encontrar resultados que sugerem que a apropriação de uma L2 pelos surdos, no caso a escrita do português, caracteriza-se por um processo contínuo, constituído por etapas que se sucedem no tempo, cujo ponto de partida é a LSB (L1) e o ponto de chegada é a língua portuguesa (L2), na modalidade escrita. Cada uma destas etapas ou estágios de aprendizagem dos alunos aprendizes constitui a sua interlíngua.

Enfim, apontamos para a necessidade de novos estudos aprofundando esse tema. Destacamos, ainda, que esta pesquisa não pode e nem deve encerrar-se aqui. Os problemas estudados podem instigar educadores e profissionais de diversas áreas a repensar, questionar, reavaliar, reestruturar os métodos empregados no processo de ensino e de aprendizagem do português como segunda língua para surdos. Estudos como estes são preliminares e a Linguística muito tem a contribuir na compreensão das particularidades próprias desse processo de aquisição. Nossa análise pretende contribuir como forma de melhorar o ensino do português escrito para essa população sinalizante da LSB e oferecer a possibilidade de aplicação dessa pesquisa ao desenvolvimento de estudos futuros para o ensino escolar dos surdos brasileiros.

Referências

BRASIL. Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para assuntos jurídicos, p.1, 2002. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10436.htm. Acesso em 28 de julho de 2008.

_____. Decreto 5.626, de 23 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o Art. 18 da Lei 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, p. 3, 2005. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/D5626.htm. Acesso em: 28 de julho de 2008.

BROCHADO, S. M. D. *A apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da língua de sinais brasileira*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, UNESP, São Paulo, 2003.

CHOMSKY, N. *Syntactic structures*. The Hague, Mouton. 1957.

_____. *Linguagem e a mente. Novas perspectivas linguísticas*. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. *Three Factors in Language Design*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FERREIRA-BRITO, L. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

GUARINELLO, A. *O papel do outro na escrita de sujeitos surdos*. São Paulo: Plexus, 2007.

KARNOPP, L. “Práticas de leitura e escrita em escolas de surdos”. In: Fernandes, E. (org.) *Surdez e Bilingüismo*. Porto Alegre: Mediação, 2005.

LILLO-MARTIN, D. *The acquisition of English by deaf signers: is universal grammar involved? In The generative study of second language acquisition*. Flynn S.; Martohardjono G.; O’Neil, W. (eds.). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 1998.

LYONS, J. *Linguagem e linguística : uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MIOTO, C.; FIGUEIREDO, M. C. & LOPES, R. *Novo manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2004.

PIRES, L. *Aquisição da língua portuguesa escrita (L2) por sinalizantes da língua de sinais brasileira (L1)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. 2005.

QUADROS, R. *Educação de Surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997a.

_____. “Aquisição de L1 e L2: o contexto da pessoa surda”. Paper apresentado no Seminário Desafios e possibilidades na Educação bilíngüe para Surdos, Santa Catarina: UFSC. *Anais*. Santa Catarina, 1997b p.70-87. Disponível em: <<http://www.ronice.ced.ufsc.br/publicacoes/contexto.pdf>> Acesso em: 07 nov. 2010.

QUADROS, R. & KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

SCLIAR-CABRAL, L. “Semelhanças e diferenças entre a aquisição das primeiras línguas e a aprendizagem sistemática das segundas línguas”. In: BOHN, H. & VANDRESEN, P. *Tópicos de linguística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Editora da USFC, 1988.